

1916

CRONOLOGIA COMENTADA E EXPLICADA

“É o ano em que as sementes da mudança florescem, generosamente regadas pelo sangue das trincheiras”

Autor: António José Telo

1916 é o ano intermédio do conflito. É ainda uma guerra relativamente clássica a todos os níveis: ainda não assumiu contornos revolucionários, ainda não levou ao desenvolvimento pleno da guerrilha, ainda não conduziu à mobilização total das sociedades, ainda não confirmou as potencialidades da arma submarina, ainda não permitiu aos meios aéreos mostrar as suas capacidades. É ainda uma guerra relativamente contida, envolvendo principalmente a Europa, com teatros de operações secundários no Médio Oriente e em África, sem o empenhamento dos EUA. É, de forma muito clara, a guerra dos poderes industriais, dos estados centralizados, das massas mobilizadas aos milhões nas metrópoles e – novidade absoluta – também nas colónias. A economia de guerra domina em todos os beligerantes, quando os principais poderes adoptam o racionamento de forma generalizada, a indústria obedece aos Estados Maiores, as primeiras carências fortes em termos de alimentos e recursos se fazem sentir. É também o último ano em que a paz de compromisso surge como uma possibilidade real, principalmente pelo empenhamento dos EUA do Presidente Wilson. É o último ano, em resumo, em que a ideia que “isto vai acabar um dia e tudo voltará ao que era antes”, ainda parece possível, ainda têm alguma credibilidade.

As grandes estratégias militares mudaram muito desde Agosto de 1914. Agora já ninguém acredita numa vitória rápida e todos apostam em estratégias de usura e desgaste. É ponto assente que a guerra será perdida pelo lado que aguentar menos e aguentar é uma questão de organização e de controlo da opinião pública. O Estado Maior Alemão ao pensar na grande ofensiva de Verdun, têm um único objectivo oficial: “sangrar os franceses”! Já não se trata de conquistar este ou aquele ponto estratégico, de obter uma vitória “decisiva”, mas simplesmente de provocar baixas que sejam, pelo menos, iguais às sofridas, de modo a “sangrar” o outro lado,

conduzir a médio prazo à sua exaustão. A fábrica da morte alcança neste ano a sua lógica plena. As trincheiras, a guerra de posições fixas, as baixas gigantescas, tudo isso é aceite, na esperança de que o outro lado “sangre” mais depressa que o nosso. É a falta da imaginação no poder, a aceitação resignada de uma luta inglória, da ideia que os sacrifícios serão longos e difíceis e só eles, numa escala nunca antes concebida, podem conduzir à exaustão do inimigo, que é a chave da vitória. Nunca antes na História tinha havido uma campanha com baixas de perto de um milhão de militares em poucos meses. Pois em 1916, isto acontece em três casos: Somme, Verdun e Brusilov.

E, no entanto, 1916 é igualmente o ano em que as sementes da mudança florescem, generosamente regadas pelo sangue das trincheiras:

- a) Os Aliados empenham pela primeira vez os carros de combate na Frente Ocidental.
- b) Os Alemães ensaiam com sucesso as suas unidades de assalto, com novas orgânicas, táticas, doutrinas e armamento (como o lança-chamas).
- c) A guerrilha é aplicada em escala significativa no Médio Oriente.
- d) A guerra revolucionária dá os primeiros passos, nomeadamente com o “Easter rising”, na Irlanda, e com o levantamento Árabe, movimentos complexos, mas com motivações nacionalistas.
- e) O movimento contra a guerra aumenta na Rússia e na Alemanha, com manifestações imensas contra a guerra em Berlim, algo impensável antes.
- f) A mobilização dos africanos das colónias aumenta muito, em particular por parte da França. Era uma resposta às grandes baixas de 1916. Era igualmente o começo dos movimentos autonomistas africanos, mas seriam precisos ainda alguns anos para que isso se tornasse claro.
- g) A campanha submarina reúne pela primeira vez condições para ser decisiva.
- h) A guerra aérea atinge a maturidade, com a criação de unidades especializadas de caças e bombardeiros estratégicos e com a decisão britânica de formar a primeira Força Aérea do mundo.

A mudança está no ar. Simplesmente, só em 1917 adquiriu maturidade, permitindo não só restabelecer de forma parcial e limitada o movimento na guerra clássica, como fazer nascer um novo tipo de conflito do século XX, a guerra revolucionária, que se imporia no Leste, e a guerra de guerrilhas, que se desenvolveriam no Médio Oriente e em Moçambique depois de 1916.

O ano de 1916 é o da grande mudança em termos de mentalidades, embora as consequências plenas disto só surjam em 1917. A arte e a literatura reflectem isto muito bem. Os poemas e as pinturas dos primeiros anos transmitem no essencial uma mensagem de patriotismo, a necessidade de elevar a moral e a crença em valores de sacrifício; depois de 1916 é o contrário. Agora os poemas, os contos, os desenhos e as pinturas reflectem uma outra realidade: o esmagamento do indivíduo pela fábrica da morte, a escala gigantesca do sacrifício, a sua inutilidade, a impossibilidade de obter resultados significativos, a descrença generalizada nos valores e nos líderes tradicionais, a procura de outros. Verdun (para a França) e o Somme (para a GB), as grandes hecatombes de 1916, foram essenciais nesta transição e tornaram-se, com as suas baixas gigantescas, no paradigma da Grande Guerra. É uma realidade transversal aos beligerantes, que abarca todos, numa demonstração que, para além das rivalidades de momento, eram mais semelhantes do que diferentes.

Do ponto de vista estratégico, a Alemanha em 1916 mais uma vez deu provas da sua inconstância, da sua extraordinária incapacidade de apostar numa estratégia de longo prazo, sistematicamente executada. A Alemanha só conseguiu desenvolver um esforço tão grande durante o conflito porque contava à partida com uma imensa vantagem: a sua posição central, servida por uma densa rede ferroviária. Isto transformava-a numa placa giratória, permitindo-lhe deslocar os seus recursos com facilidade para Este, Oeste ou Sul. Simplesmente a falta de um pensamento coerente e sustentado alemão transformou esta imensa vantagem numa desvantagem, com uma estratégia militar que foi um verdadeiro cata-vento.



O Kaiser Guilherme II. Em História é sempre difícil atribuir responsabilidades pessoais, mas não se pode negar que a cegueira estratégica, política e militar do pomposo Kaiser Alemão, que se manifestou assim que subiu ao trono com o afastamento do grande Bismarck, foi uma das causas importantes da derrota dos Poderes Centrais.

Em 1914 a Alemanha deu a prioridade ao Ocidente e falhou; em 1915 deu a prioridade ao Oriente e conseguiu grandes vitórias; em 1916 deu mais uma vez a

prioridade ao Ocidente e, de novo, falhou. No final do ano, com Hindenburg, de novo a Alemanha dá a prioridade ao Leste e consegue obter na Roménia a primeira das grandes vitórias que desencadeia o colapso russo no ano seguinte. A inconstância era igualmente patente na estratégia naval Alemã, que mudava muito rapidamente, sem continuidade e sem consistência.



Ilustração Portuguesa, 10 de Julho de 1916. O general Russo Brusilov, que concebeu e comandou a mais bem sucedida ofensiva Russa da Grande Guerra. Brusilov experimentou métodos inovadores, com o ataque disperso, numa ampla frente de centenas de quilómetros, sem pontos de concentração fortes. Foram métodos que funcionaram no Leste e contra a Áustria-Hungria. Se tivessem sido experimentados no Ocidente ou contra a Alemanha, teriam resultado em imediato desastre.

Se a Alemanha mantivesse em 1916 a estratégia anterior de dar prioridade ao Oriente e ao Sul, possivelmente teria continuado a obter grandes vitórias e poderia ter mesmo alterado o resultado final da guerra, numa altura em que os EUA ainda

eram neutros. Era possível, por exemplo, provocar o colapso russo em 1916, em vez de só em 1917, desde que se insistisse na prioridade ao Leste; era possível, com um pequeno esforço adicional, expulsar os Britânicos do Médio Oriente (Mesopotâmia) e da Grécia, tal como foram expulsos dos Dardanelos, em 1915. Era possível, mas a Alemanha apostou na estratégia contrária: dar prioridade ao Ocidente, onde teve dois milhões de baixas com resultados praticamente nulos. Assim se perde uma guerra mundial.



Sir Douglas Haig passa neste ano a marechal e comanda o Grupo de Exércitos Britânico em França, com múltiplas nacionalidades. Nunca um britânico comandou tantos homens em combate. Haig era o grande defensor da ofensiva do Somme, a maior da guerra, onde se registaram 1,1 milhões de baixas (todos os lados). Até ao final defenderia que a guerra só podia ser ganha na Frente Ocidental, pelo que era um erro estar a desviar recursos para teatros secundários, justamente o contrário da tradicional estratégia britânica.

A GB, em contrapartida, continuava a apostar na fórmula vencedora ao longo dos séculos: a hegemonia naval acabaria por trazer a vitória, canalizando os recursos

da economia mundial fundamentalmente para si. A guerra económica era essencial para isto e a GB chega a formar um “Ministério do Bloqueio” para a concretizar – não se tratava só de bloquear o inimigo; o real problema era organizar o comércio mundial a favor dos Aliados. Era uma aposta de longo prazo, onde o tempo era o factor essencial. Mas 1916 é igualmente o ano em que a GB altera a sua estratégia tradicional e, no seguimento do que fez em 1915, aposta decididamente no exército de massas, dando o passo essencial ao aprovar o serviço militar obrigatório. A GB decide, em resumo, que sem um exército de massas não aguenta a Frente Ocidental. Na realidade, na longa campanha do Somme, a mais mortífera de toda a guerra, a GB enfrenta mais de um terço do Exército Alemão que, ao empenhar-se ali, alivia a pressão sobre Franceses, Italianos e Russos. A Alemanha e a GB representavam bem as duas grandes estratégias antagónicas, com a diferença que uma era errática e volátil e a outra consistente e persistente.

O objectivo da estratégia diplomática de ambos os lados era semelhante: atrair aliados. A grande batalha diplomática trava-se em 1916, aparentemente, à volta da Roménia e da Grécia, os poderes ainda neutros nos Balcãs. Na realidade, a grande batalha diplomática e de propaganda trava-se à volta dos EUA e do mundo Árabe: os Poderes Centrais tudo fazem para os manter neutros; os Aliados tudo fazem para provocar a sua beligerância. Quando, em 1916/17, ambos caem para o lado Aliado, a guerra está decidida, só tendo sido prolongada mais uns meses pelo colapso da Rússia e pela necessidade de dar tempo aos EUA para se mobilizarem plenamente, o que implica pelo menos um ano, possivelmente dois.

Uma última nota, que mostra a íntima ligação entre a 1ª e a 2ª Guerra Mundial. Neste ano, o capitão Charles de Gaulle destaca-se na defesa de Verdun, onde é feito prisioneiro pelos alemães; Benito Mussolini recebe uma medalha por heroísmo em combate e é promovido a cabo; o soldado Adolf Hitler é ferido em combate em Outubro, sendo pouco depois igualmente promovido a cabo. Todos irão referir que a experiência das trincheiras foi essencial para a formação do seu pensamento.

JANEIRO

Neste mês o Grande Sherif de Meca Hussein abraça a ideia de uma revolta contra os Turcos que dominam grande parte da Arábia, e pede auxílio à GB. Esta aceita apoiar a revolta armada com dinheiro e com armas, e envia uma missão militar para a “orientar” e controlar politicamente, pensando já numa futura divisão do Médio Oriente entre os poderes Aliados.

Também neste mês, a GB introduz uma nova arma na guerra naval: a carga de profundidade, um cilindro com explosivo preparado para explodir quando alcança

determinada profundidade. Será a melhor arma contra os submarinos, mas, apesar de ser testada operacionalmente em Janeiro de 1916, só se divulga a partir de 1917.

Em Janeiro a Alemanha ultima os preparativos da sua grande ofensiva em Verdun, o pilar central da sua estratégia militar para 1916. O CEM Von Falkenhayn garante ao Imperador que a França, considerada o Aliado mais débil, pode ser “sangrada” aqui.

1/1 - Forças da GB ocupam Yaunde, nos Camarões Alemães. As tropas Alemãs não se rendem e continuam a resistir a Norte, enquanto outras procuram refúgio na vizinha colónia Espanhola, onde são internadas.

4/1 – O CEM da Áustria-Hungria, o general Von Hetzendorf, exprime ao Governo a sua convicção que é essencial tentar uma paz de compromisso a curto prazo, pois não é possível esmagar a Rússia ou vencer a GB. Tanto a Áustria como a Rússia têm fortes debilidades internas, agravadas pelo conflito.

A GB ataca na Mesopotâmia para resgatar as forças cercadas em Kut desde Dezembro de 1915. A força britânica é muito substancial para a região, com cerca de 20 mil efectivos, mas enfrenta a resistência de cerca de 30 mil turcos, que a derrotam na Batalha de Sheikh Saad, a 9 de Janeiro. A 21 de Janeiro, o avanço da força britânica é detido na Batalha de Hanna, uma nova derrota Aliada. A GB reforça o teatro com forças da Índia e outras origens, enquanto Kut continua a resistir, com crescentes dificuldades.

6/1 – O general Sul-Africano Smuts assume o comando das forças Aliadas na África Oriental, de imediato tentando organizar uma ofensiva coordenada que esmague os Alemães. Parece algo fácil de fazer no papel, pois as forças Aliadas são muito superiores. Simplesmente, os Alemães são comandados por Von Lettow-Vorbeck e fazem o inesperado, tornando a missão do competente Smuts muito complicada.

7/1 – A Alemanha informa os EUA que passará a conduzir a guerra submarina de acordo com as normas internacionais. É um recuo na estratégia naval, feito para tentar manter os EUA neutros. A opção alemã neste campo era muito simples: ou pensava que a campanha submarina sem restrições podia vencer a guerra antes de os EUA fazerem sentir o seu peso, e, nesse caso, valia a pena apostar nela; ou pensava que não, e, nesse caso, era preferível manter a campanha submarina com restrições, o que a impedia de ser a arma da vitória. A inconstância alemã estava no facto de tão depressa apostar numa opção como na outra.



Ilustração Portuguesa de 10 de Janeiro de 1916. O Rei Pedro da Sérvia passa a fronteira do seu país à frente do Exército em retirada. Toda a Sérvia será ocupada e cerca de 260 mil militares são evacuados por mar para a ilha de Corfu. Também o Montenegro, que apoia a Sérvia, será invadido e ocupado.

8/1 – A Áustria-Hungria, depois de ocupar a Sérvia, invade o pequeno Montenegro com uma força muito superior à dos defensores, apoiada pelos Alemães. Entre 17 e 25 de Janeiro o Montenegro capitula, depois de uma resistência heróica, mas sem hipóteses. O que resta do Exército Sérvio, em retirada, dirige-se para os portos da Albânia, de onde espera ser evacuado por mar pelos Aliados.

9/1 – Termina a retirada Aliada de Gallipoli, com o embarque das últimas unidades ANZAC. Acaba em desastre a mais prometedora campanha Aliada no Mediterrâneo. A excelente ideia estratégica de Churchill foi transformada no seu contrário por uma ampla sucessão de erros táticos, tanto navais como terrestres. A Turquia, apoiada pela Alemanha, conseguia aqui a sua maior vitória na guerra. A retirada foi a parte mais bem organizada de toda a campanha, tendo decorrido praticamente sem baixas. No conjunto da campanha, porém, os Aliados tiveram 252 mil baixas, principalmente de forças Australianas e Neo-Zelandesas; a Turquia não ficou muito melhor, com 250 mil baixas.



Ilustração Portuguesa de 7 de Fevereiro de 1916. O Exército Sérvio atravessa uma bizarra ponte na Albânia, na sua retirada para o mar.

10/1 – A Rússia inicia uma ofensiva no Cáucaso e avança em território Turco. Era uma magra compensação para os Aliados pela derrota nos Dardanelos.

12/1 – As forças da Sérvia que sobreviveram começam a ser evacuadas por mar pelos Aliados, transportadas de portos Albaneses (principalmente Durazo) para a ilha grega de Corfu (a Oeste da Grécia, do lado do Adriático), previamente ocupada por fuzileiros da França. A Grécia é neutra e protesta, mas não tem força para se opor. O Governo e a população grega estão amplamente divididos e à beira da guerra civil, com Salónica (cidade Grega) ocupada por forças Aliadas que retiraram dos Dardanelos.



Ilustração Portuguesa de 28 de Fevereiro de 1916. Fuzileiros franceses ocupam a ilha de Corfu, para onde é transportado por mar o que resta do Exército Sérvio.

24/1 – A GB aprova o Military Service Bill, dando início à conscrição masculina a partir de 9 de Fevereiro – era o único grande poder que não a tinha. Londres entende, e bem, que só um exército de massas, algo que contraria toda a sua tradição, permitirá aguentar a resistência da França.

28/1 – A colônia alemã dos Camarões rende-se, sendo ocupada pelas forças da França e GB. As últimas guarnições alemãs, que prolongam a resistência, rendem-se até 18 de Fevereiro.

29/1 – Paris é bombardeado pela segunda vez por Zeppelins, que provocam 54 mortes na população civil. A capital francesa só torna a ser atacada pelo ar em Janeiro de 1918. A 31 de Janeiro, 7 Zeppelins atacam pela primeira vez o Centro e o Norte da Inglaterra, um feito técnico muito significativo, pois precisam de percorrer mil quilómetros ou mais, enquanto para bombardear Paris só tinham de percorrer cerca de 200. Estes ataques pouca importância têm na guerra, na escala gigantesca das baixas na Frente Ocidental, mas são uma novidade absoluta, mostrando que a população civil muito distante da frente de combate era também envolvida nas operações militares. Têm ainda o efeito adicional de obrigar os Aliados a criar uma defesa anti-aérea em amplas zonas da retaguarda, o que ocupa muitos mais recursos do que os empenhados pela Alemanha para criar a força atacante.

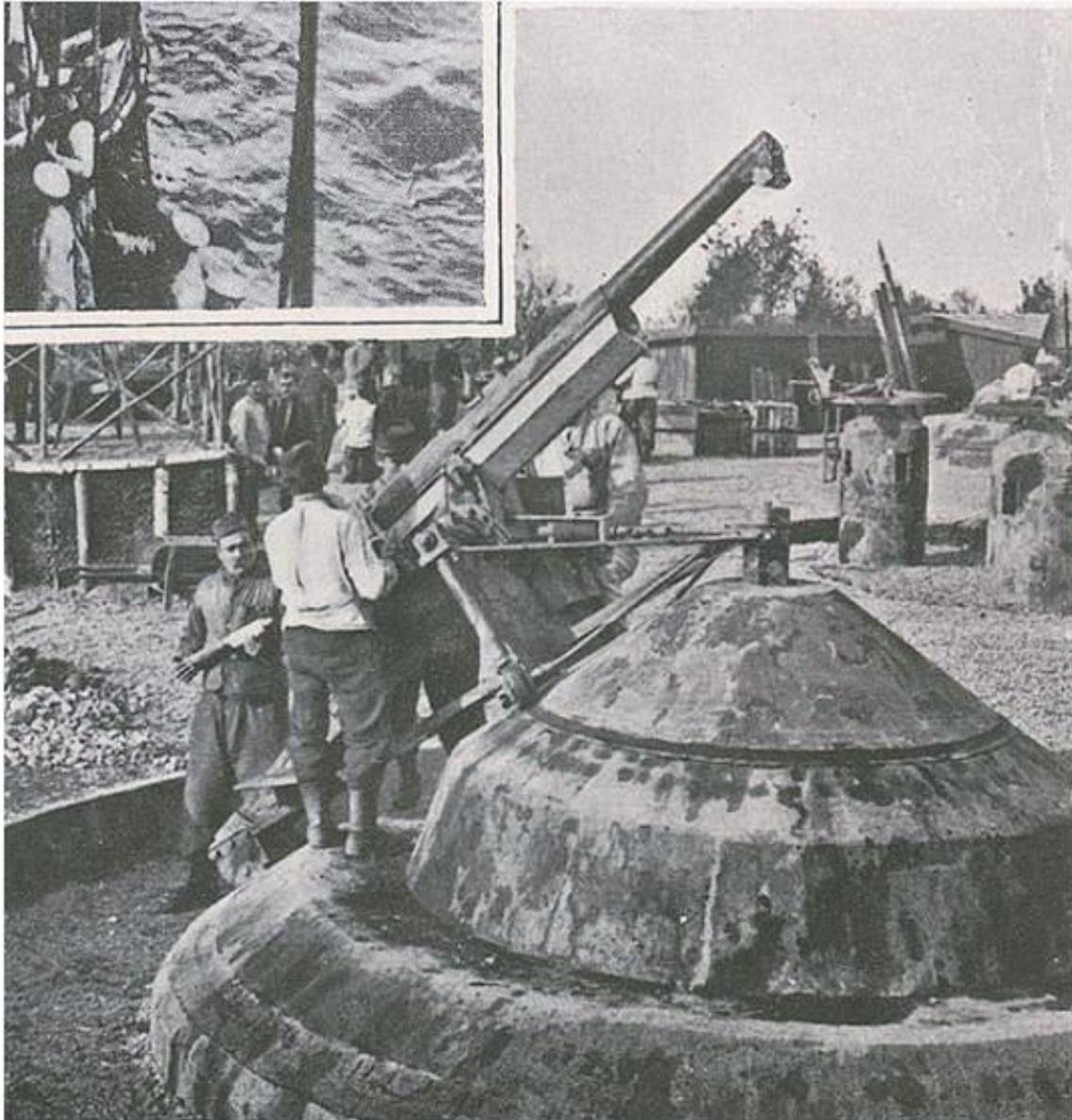


Ilustração Portuguesa de 24 de Janeiro de 1916. Uma muito curiosa fotografia das defesas AA da zona de Paris. Trata-se do TR75 francês, o “cannon” que servia para tudo, retirado do seu normal reparo de rodas e colocado num cone de cimento de modo a disparar com grande elevação. Mais tarde surgiram reparos adaptados ao uso AA, mas este era um primeiro passo, uma improvisação pioneira.

Começam na GB os ensaios do “Mother”, em grande segredo. É o primeiro protótipo do que os britânicos viriam a chamar de “tanque”¹, um bizarro veículo de lagartas com blindagem e armado, por enquanto, somente de metralhadoras. Haig, o comandante militar britânico em França, fica impressionado e ordena o fabrico dos primeiros 40 em Fevereiro.

¹ O Exército Português não utiliza o termo “tanque”, preferindo falar em “carro de combate”. Tanque, porém, é o termo que continua a ser usado pelos principais exércitos da NATO, como os EUA, GB e França, pelo que o iremos manter nesta cronologia.

FEVEREIRO

1/2 – Mais uma “primeira vez”. O navio mercante britânico Franz Fischer é o primeiro afundado por bombas lançadas por Zeppelins.

A GB cria unidades especializadas de “caças” monolugares, que coloca na Frente Ocidental e na defesa da própria GB contra os Zeppelins e os bombardeiros.



Ilustração Portuguesa de 24 de Fevereiro de 1916. Um desenho algo imaginoso do L.19 alemão abatido por uma escolta costeira armada no Mar do Norte.

7/2 – Continua a evacuação dos restos do Exército da Sérvia, que abrange cerca de 260 mil militares. Era mais um sucesso naval dos Aliados, que, em pouco tempo, organizaram duas retiradas por mar muito bem sucedidas: a dos Sérvios e a dos Dardanelos. A evacuação prolonga-se até começos de Abril.

11/2 – A Alemanha notifica os EUA que afundará navios mercantes na zona de exclusão a partir de 1 de Março. Na realidade o Kaiser autoriza os ataques a navios de carga na zona de exclusão, mas só depois de estes terem um aviso prévio e proíbe por completo o ataque a paquetes.

O mau tempo obriga a Alemanha a adiar o começo da ofensiva em Verdun, que preparava há dois meses.

13/2 – Os Aliados notificam o Governo Grego, que perdeu o controlo efectivo do seu território, que o Exército do Montenegro vai ser transferido para a ilha grega de Corfu. Na realidade, os restos das forças do Montenegro desembarcam a 16 de Fevereiro.

16/2 - Os EUA informam a Alemanha que não aceitam a guerra submarina sem restrições. A Alemanha paga uma indemnização pelas vidas americanas perdidas no naufrágio do paquete Lusitânia.

A Rússia continua a avançar no Cáucaso Turco, conquistando a cidade de Erzerum.

O War Office passa a tomar conta de toda a defesa anti-aérea da GB, responsabilidade que pertencia ao Almirantado. É um passo importante, pois facilita a formação futura da RAF como a primeira Força Aérea.

21/2 – Começa a ofensiva alemã em Verdun, a segunda mais sangrenta da guerra. Verdun é um saliente, onde a Frente Ocidental muda de direcção, defendido por um conjunto de velhos fortes a que os franceses não davam grande importância nesta altura. Em termos do pensamento clássico seria o último sítio a atacar de frente, pois as defesas eram muito fortes. Simplesmente, o pensamento Alemão não era clássico. O objectivo era conseguir um pequeno avanço inicial, que levaria a França a lançar o contra-ataque; a concentração da artilharia alemã permitiria eliminar as massas da infantaria francesa, que seria “sangrada” em Verdun. Não se tratava de “ganhar” a guerra numa ofensiva, mas simplesmente de provocar baixas superiores às sofridas.

O ataque alemão é preparado pela maior barragem de artilharia da guerra até então, para a qual se concentram 1240 peças em 13 km (era muito para Fevereiro de 1916; seria superado no Somme). A Alemanha empenha igualmente pela primeira vez uma força especializada de 6 mil tropas de assalto, equipadas com armas inovadoras, como lança-chamas. O ataque principal corre a cargo do seu 5º Exército.

A França é surpreendida pela escala do ataque e recua ligeiramente num primeiro momento. O forte Doaumont é tomado pelos alemães a 25 de Fevereiro. A França cria o que chama “La Voie Sacrée”, uma via militar para abastecer Verdun e canaliza para aí todas as suas reservas. Paris pede a Britânicos e Russos que lancem ofensivas urgentemente para aliviar a pressão em Verdun.



Ilustração Portuguesa de 27 de Março de 1916. Uma coluna hipomóvel Francesa transporta munições de metralhadora para a zona de Verdun. A ofensiva alemã em Verdun era a maior da guerra até então. Nesse mesmo ano seria superada pela Somme.

23/2 – Portugal apreende os navios alemães nos seus portos, numa operação bem organizada e executada.

25/2 – A resistência francesa em Verdun consolida-se, embora ainda cedendo terreno. O general Pétain é nomeado comandante de todas as forças francesas na região, que crescem rapidamente. As baixas são enormes de ambos os lados. Pétain toma a decisão acertada de concentrar igualmente a artilharia francesa em Verdun, pelo que as baixas alemãs são igualmente muito significativas.

O Governo Francês encomenda os primeiros 400 tanques à sua indústria, tendo de escolher entre dois protótipos (o Schneider e o Saint Chammond). Esta primeira geração de tanques franceses é inferior aos Mk I britânicos contemporâneos e vão passar longos meses antes de se criarem unidades operacionais. Há uma grande diferença de base: a GB cria o Tank Corps para gerir o empenhamento desta novidade; a França entrega-o às armas tradicionais (Infantaria e Cavalaria).



Ilustração Portuguesa de 3 de Abril de 1916. Joffre (responsável máximo militar Francês) visita o general Pétain em Verdun. Pétain foi o grande organizador da defesa francesa, moralizando o Exército e usando táticas inovadoras, que passavam pela criação de grandes bases de fogo da artilharia. Mais tarde seria substituído em Verdun por Nivelle, um general mais virado para a ofensiva, responsável pelas grandes baixas da França na segunda fase da campanha.

28/2 – Criado um Governo Provisório da Albânia em Nápoles.

MARÇO

As atenções concentram-se em Verdun, onde se trava a maior campanha da guerra até então, com a resistência francesa a consolidar-se sob o impulso de Pétain. Os ataques e contra-ataques sucedem-se, com massas de infantaria a avançarem em cargas de baioneta e a caírem em grande quantidade, perante a numerosa artilharia de ambos os lados.

1/3 – Os submarinos alemães começam a afundar navios de carga, nalguns casos sem aviso prévio, no Atlântico. O almirante Tirpitz defende junto do seu Governo que a Alemanha deve lançar uma campanha submarina sem restrições, o que lhe permitirá ganhar a guerra em seis meses. Não é ouvido, pelo que se demite a 12 de Março.

5/3 – As forças Britânicas avançam na zona do Quilimanjaro, empurrando para Sul as Alemãs.

6/3 – Em Verdun a luta é especialmente intensa à volta do Forte Vaux, que muda de mãos várias vezes.

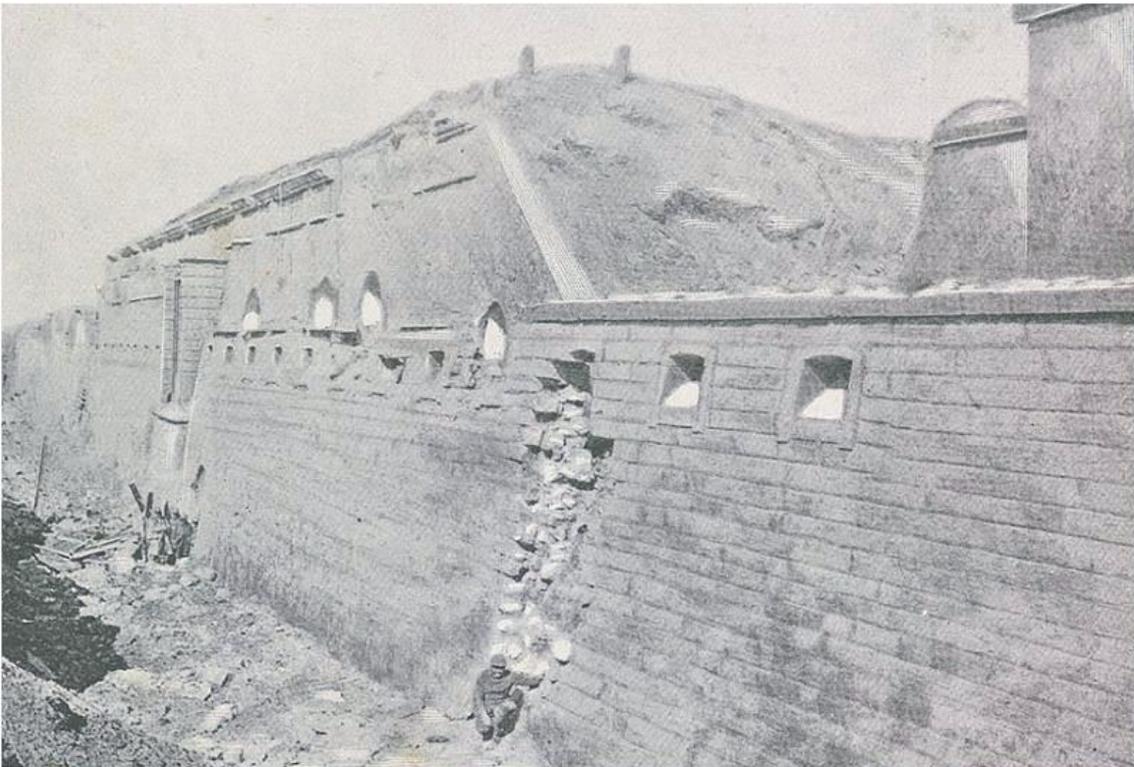


Ilustração Portuguesa de 24 de Abril de 1916. Forte Vaux em Verdun, um dos pontos mais disputados, que muda de mãos várias vezes.

8/3 – Falha mais uma tentativa de quebrar o cerco de Kut, com o recuo das forças Britânicas.

9/3 – A Alemanha declara guerra a Portugal. Era uma beligerância que a GB tinha tentado evitar, enquanto a França tudo fez para a provocar.

11/3 – A Itália responde ao apelo francês e lança a 5ª batalha do Isonzo contra a Áustria-Hungria. Mais um ataque sem resultados, para além das numerosas baixas de ambos os lados,

mas principalmente do lado Italiano. Até 11 de Novembro a Itália vai organizar mais quatro ofensivas no Isonzo, sempre sem conseguir ganhos significativos.

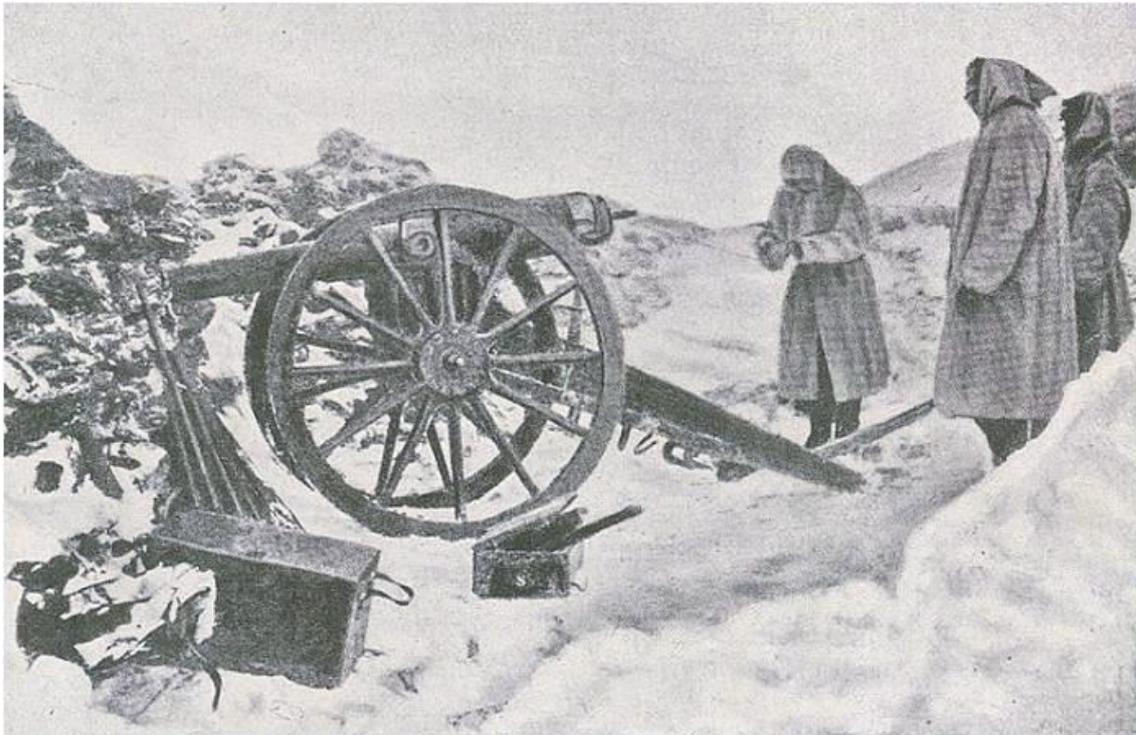


Ilustração Portuguesa de 17 de Janeiro de 1916. Artilharia Italiana no Isonzo. Os Alpes obrigam a soluções fora de normal para a deslocação e colocação da artilharia.

15/3 – O general Pershing comanda uma expedição punitiva que entra no México em perseguição a Pancho Villa. Está à frente de uma força de 15 mil homens, onde estão alguns dos mais famosos militares americanos das duas guerras mundiais. A expedição em si não corre muito bem, pois Pancho Villa revela-se um hábil general, que aproveita magistralmente o terreno a seu favor.

18/3 – Depois dos Italianos, também os Russos lançam uma ofensiva importante no lago Naroch (zona Norte, perto de Vilna). O ataque russo já estava a ser preparado antes de Verdun, mas como se atrasou dava a aparência que era uma resposta ao apelo da França. O atraso, aliás, provocou o seu fracasso, pois o plano inicial previa que as águas do lado estivessem congeladas, podendo ser transpostas pela infantaria a pé, o que não acontecia em fins de Março. São empenhados cerca de 350 mil russos, que atacam uma força alemã quatro vezes mais pequena. Os Alemães resistem e as baixas russas são imensas, com um avanço de pouco mais de um quilómetro. A campanha prolonga-se até Abril e os Russos recorrem a táticas inovadoras, como seja a de lançarem os ataques de infantaria de noite, mas a resistência Alemã é firme. Quando a campanha termina (14 de Abril), os Russos têm 122 mil baixas e os Alemães 20 mil. O Czar russo encarrega o general Brusilov, recentemente nomeado

para comandar a Frente Sul, de preparar uma nova grande ofensiva, de modo a aproveitar o facto de a Alemanha ter transferido muitas unidades para Ocidente.

22/3 – Mais uma primeira vez. O U-68 é afundado no Atlântico por cargas de profundidade a nova arma britânica (perto da Irlanda). Foi vítima de um “Q-ship”, um mercante armado disfarçado.

ABRIL

1/4 a 4/4 – Falha mais uma tentativa Britânica de quebrar o cerco de Kut (Mesopotâmia) na batalha de Sannaiyat.

9/4 – A Alemanha renova a ofensiva em Verdun, procurando conquistar a crista de colinas apropriadamente chamada do “Homem Morto”. As baixas são imensas, principalmente do lado Alemão, que, por enquanto, se mantém no ataque.

A Alemanha envia 20 mil espingardas para apoiar os rebeldes da Irlanda, a bordo do cargueiro Libau, disfarçado de navio neutro. O navio é capturado pela Royal Navy a 21 de Abril.

11/4 – Os Aliados decidem concentrar os Sérvios evacuados em Salónica, onde reforçam as forças que já ocupam o porto grego. A Grécia está profundamente dividida, mantendo formalmente a neutralidade. O Governo Grego recusou (a 3 de Abril) autorização para o Exército Sérvio ser transferido por terra de Corfu para Salónica, o que obriga ao seu transporte por mar.

Kionga, na fronteira do Rovuma, é ocupado por forças Portuguesas sem resistência.

14/4 – Aviões da Royal Navy que operam de uma ilha grega atacam pelo ar Constantinopla.

15/4 – Mais uma primeira vez. A GB começa a lançar alimentos e munições pelo ar para as forças cercadas em Kut (Mesopotâmia). Nunca antes se tinha tentado abastecer pelo ar uma força cercada. Não vale de muito, pois a 23 de Abril começam as negociações para a rendição da força em Kut, que se confirma a 29. Cerca de 13 mil britânicos são feitos prisioneiros.

18/4 – Os EUA avisam a Alemanha que, se os navios mercantes forem afundados sem aviso prévio, podem vir a cortar relações diplomáticas.

20/4 a 23/4 – Um submarino alemão leva para a Irlanda Sir Roger Casement, um nacionalista que pretende fomentar a revolta contra os britânicos. Começa em Dublin a “Easter Rising”, formando-se um Governo Provisório da República da Irlanda. A luta em Dublin prolonga-se até Maio, sendo esmagada pelo Exército Britânico, que executa os cabecilhas.

POBLAChT NA H EIREANN.
THE PROVISIONAL GOVERNMENT
OF THE
IRISH REPUBLIC
TO THE PEOPLE OF IRELAND.

IRISHMEN AND IRISHWOMEN In the name of God and of the dead generations from which she receives her old tradition of nationhood, Ireland, through us, summons her children to her flag and strikes for her freedom.

Having organised and trained her manhood through her secret revolutionary organisation, the Irish Republican Brotherhood, and through her open military organisations, the Irish Volunteers and the Irish Citizen Army, having patiently perfected her discipline, having resolutely waited for the right moment to reveal itself, she now seizes that moment, and, supported by her exiled children in America and by gallant allies in Europe, but relying in the first on her own strength, she strikes in full confidence of victory.

We declare the right of the people of Ireland to the ownership of Ireland, and to the unfettered control of Irish destinies, to be sovereign and indefeasible. The long usurpation of that right by a foreign people and government has not extinguished the right, nor can it ever be extinguished except by the destruction of the Irish people. In every generation the Irish people have asserted their right to national freedom and sovereignty, six times during the past three hundred years they have asserted it in arms. Standing on that fundamental right and again asserting it in arms in the face of the world, we hereby proclaim the Irish Republic as a Sovereign Independent State, and we pledge our lives and the lives of our comrades-in-arms to the cause of its freedom, of its welfare, and of its exaltation among the nations.

The Irish Republic is entitled to, and hereby claims, the allegiance of every Irishman and Irishwoman. The Republic guarantees religious and civil liberty, equal rights and equal opportunities to all its citizens, and declares its resolve to pursue the happiness and prosperity of the whole nation and of all its parts, cherishing all the children of the nation equally, and oblivious of the differences carefully fostered by an alien government, which have divided a minority from the majority in the past.

Until our arms have brought the opportune moment for the establishment of a permanent National Government, representative of the whole people of Ireland and elected by the suffrages of all her men and women, the Provisional Government, hereby constituted, will administer the civil and military affairs of the Republic in trust for the people.

We place the cause of the Irish Republic under the protection of the Most High God, Whose blessing we invoke upon our arms, and we pray that no one who serves that cause will dishonour it by cowardice, inhumanity, or rapine. In this supreme hour the Irish nation must, by its valour and discipline and by the readiness of its children to sacrifice themselves for the common good, prove itself worthy of the august destiny to which it is called.

Signed on Behalf of the Provisional Government,
THOMAS J. CLARKE,
SEAN Mac DIARMADA, THOMAS MacDONAGH,
P. H. PEARSE, EAMONN CEANNI,
JAMES CONNOLLY, JOSEPH PLUNKETT.

[Proclamação do Governo Provisório da República da Irlanda, de curta duração.](#)

25/4 – Num movimento muito ousado, 4 cruzadores de batalha alemães conseguem aproximar-se da GB e bombardear durante cerca de 20 minutos a cidade costeira de Great Yarmouth. A Royal Navy não intercepta os velozes navios alemães, sofrendo uma importante humilhação. Esta operação confirma as convicções Alemãs de que é possível atrair uma parte da Royal Navy a uma armadilha no Mar do Norte, onde esta seria destruída pela Esquadra de Alto Mar Alemã concentrada.

MAIO

1/5 – Dois dos mais destacados líderes dos radicais de esquerda alemães são presos em Berlim durante uma manifestação de mais de 10 mil pessoas contra a guerra.

A luta continua intensa na Frente Ocidental, quando Pétain é promovido ao comando do Grupo de Exércitos do Centro, sendo substituído no comando de Verdun por Robert Nivelle, um general mais partidário da ofensiva.



Ilustração Portuguesa de 22 de Maio de 1916. A sede dos rebeldes em Dublin, tal como ficou depois de os Britânicos terem esmagado a revolta.

2/5 – As forças Aliadas em Salónica avançam até à zona da fronteira com a Sérvia ocupada, a Norte. O avanço é fácil na planície costeira sem oposição, mas na zona da fronteira é detido pela resistência do inimigo, facilitada pelo terreno montanhoso.

4/5 – A Alemanha anuncia que irá moderar a guerra submarina para não provocar a beligerância dos EUA.

5/5 – Os fuzileiros americanos invadem a República Dominicana, onde permanecem até 1924.

Hussein, o Grande Sherif de Meca apela à “guerra santa” contra os Turcos, confiado nas promessas de apoio da GB. Londres promete a autonomia árabe depois da guerra, mas começa simultaneamente uma série de contactos secretos com a França para combinar a futura divisão do Médio Oriente Turco entre os três grandes Aliados (GB, França e Rússia). A Turquia é obrigada a retirar forças da ofensiva em curso no Sinai para responder à rebelião na Arábia.

9/5 a 19/5 – Sir Mark Sykes (pela GB) e Georges Picot (pela França) reúnem-se para discutir a divisão da Império Turco depois da guerra. O acordo secreto para divisão do Médio Oriente será assinado a 19. Nele se prevê que a zona mais rica em petróleo fica para a GB, enquanto a França recebe a Síria e o Líbano. Este acordo marca o nascimento do moderno Médio Oriente. A partir daqui, a política britânica será a de gerir a revolta dos divididos árabes, de modo a que estes ajudem a derrubar o poder turco, mas sem nunca adquirir uma unidade ou obter o domínio das principais cidades e pontos estratégicos. A revolta Árabe consegue uma das suas maiores vitórias a 15, quando expulsa os Turcos da cidade sagrada de Meca.

15/5 – A Áustria-Hungria começa uma ofensiva importante no Trentino, a norte da Frente dos Alpes. Os Italianos, obcecados com o vale do Isonzo, recuam precipitadamente e sofrem baixas significativas. Grande parte da zona montanhosa é abandonada pela Itália, mas a Áustria-Hungria não tem meios para continuar a ofensiva nas planícies a Sul, pelo que esta se detém em começos de Junho, com contra-ataques da Itália, que recupera parte do terreno perdido. No final, os Italianos sofrem 147 mil baixas e os Austríacos 80 mil.

16/5 – O Parlamento Britânico aprova uma segunda Military Service Bill, que estende a obrigação do serviço militar aos homens casados (antes eram só os solteiros).

22/5 – Os furiosos contra-ataques franceses conseguem reocupar parte do Forte Doaumont, de onde serão expulsos pouco depois.

25/5 – As forças Aliadas invadem a África Oriental Alemã a parte da Rodésia e Niassalândia, juntando-se às forças que já avançavam a partir do Norte e do Rovuma.

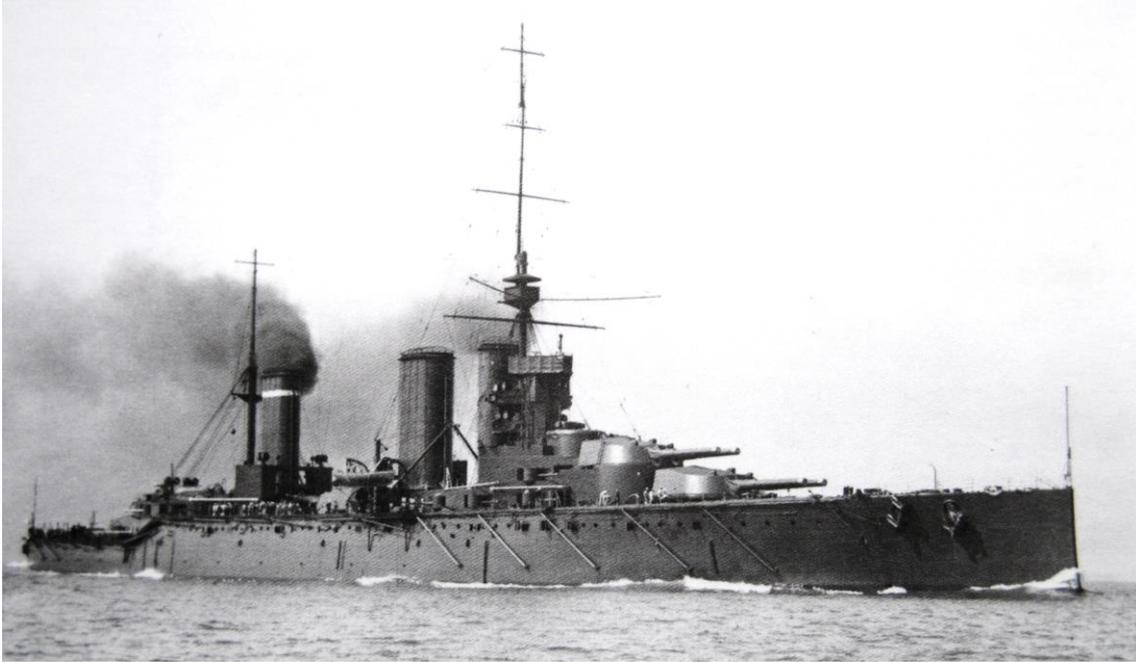
30/5 – A Marinha Alemã inicia a sua manobra mais arriscada da guerra, quando vai tentar atrair uma parte da Royal Navy a uma armadilha no Mar do Norte. Os britânicos não se deixam enganar, pois o discretamente denominado “Room 40” lia as principais cifras inimigas. A Home Fleet em peso sai para o Mar do Norte mesmo antes do grosso da High Seas Fleet Alemã. A Royal Navy pretende transformar o caçador em caçado.

31/5 a 1/6 – Batalha da Jutlândia, o maior combate de couraçados de sempre. A GB alinha 28 Dreadnought e 9 cruzadores de batalha, contra 16 e 5 da Alemanha (que leva também para a batalha uma divisão de 6 couraçados pré-Dreadnought). Um total de 37 couraçados de todos os tipos contra 27. A GB conta com as primeiras unidades da classe “Queen Elizabeth”, o melhor couraçado em 1916, mas a Alemanha tem uma melhor protecção nos seus navios e, o que se revelará muito importante, os cruzadores de batalha Britânicos têm um defeito no desenho dos paços de munições, que provocará explosões incontroláveis pelo menos em dois.

A batalha é um jogo do gato e do rato, que começa com a perseguição dos cruzadores de batalha Alemães pelos seus congéneres Britânicos, obrigados a recuar quando encontram a totalidade da esquadra Alemã pela frente. Esta parte em sua perseguição, só para cair pouco depois na armadilha preparada pela Home Fleet. É a vez da High Seas Fleet Alemã fazer apressadamente meia volta e tentar fugir para os seus portos. A Home Fleet persegue-a, mas estamos no fim do dia, pelo que os almirantes britânicos temem a acção dos destroyers alemães durante a noite (61 contra 79 britânicos), preferindo jogar pelo seguro. Na manhã seguinte a esquadra Alemã tinha passado e dirigiu-se apressadamente para os portos.

Finalmente surge a tão esperada batalha de couraçados, a maior da História. Podia ter sido o aniquilamento da esquadra de superfície alemã, mas a magistral condução do almirante Scheer, conjugada com alguma sorte, com defeitos nos navios ingleses e com a relutância do comando britânico em arriscar os seus couraçados num combate nocturno, conduz a um resultado indeciso. A Royal Navy sofre mais perdas de homens e navios (perde 14 navios de 113 mil toneladas e 6784 homens; a Alemanha perde 11 navios de 61 mil toneladas e 3058 homens), mas fica senhora do Mar do Norte, enquanto os navios alemães retiram precipitadamente para a segurança dos portos.

Ambos os lados reclamam vitória e ambos têm razões para o fazer. Para a Alemanha foi um verdadeiro milagre ter sobrevivido, infligindo mais perdas ao inimigo; para a Royal Navy foi a consagração da sua supremacia. A Marinha Alemã não mais se atreveu a um movimento semelhante e, no final da guerra, quando recebe ordens para sair dos portos, o resultado será a revolta dos marinheiros. Foi a batalha que Tirpitz sempre procurou, mas não comandou.



HMS Lion, um dos cruzadores de batalha britânicos na Jutlândia. Os couraçados dividiam-se entre os Dreadnought e os cruzadores de batalha, mais rápidos mas menos protegidos, que formavam a vanguarda das esquadras. A Jutlândia começou por ser um combate de cruzadores de batalha, e terminou como o maior choque de couraçados de sempre. Os Alemães tiveram sorte. Teria bastado mais uma ou duas horas de luz do dia para terem sido aniquilados. Os Britânicos descobriram com surpresa que os navios Alemães eram melhores e a esquadra inimiga realizava as mais difíceis manobras em combate de forma perfeita.

JUNHO

2/6 - Começa uma ofensiva limitada Alemã na zona de Ypres, que pouco avança perante a decidida resistência dos Canadianos. O seu principal objectivo é atrair reservas Aliadas, de modo a dificultar a ofensiva que está em preparação no Somme. A 13 de Junho está terminada.

4/6 – Arranca a grande ofensiva de Brusilov no Leste. Foi planeada para coincidir com a ofensiva britânica no Somme, de modo a aliviar a pressão alemã sobre Verdun – o planeamento de ambas é anterior a Verdun. Três exércitos Russos lançam-se ao ataque em ambos os lados do pântano do Pripet, numa ampla frente de mais de 300 km, com novas tácticas ensaiadas por Brusilov. O general russo resolve atacar de forma dispersa numa ampla frente. Seria uma tática suicida contra os alemães, mas funciona contra a Áustria-Hungria, que recua precipitadamente. A Alemanha desvia imediatamente 4 divisões da sua frente Norte e outras 5 de Verdun para responder à crise, pois percebe que a Áustria não se aguenta sem um forte apoio. É a mais bem sucedida ofensiva russa da guerra, que se prolonga até 20 de Setembro. Se tivesse terminado em Julho, teria sido um êxito imenso. Como se prolonga

depois dessa data, numa altura em que as forças alemãs já tinham chegado à frente, ocasiona baixas gigantesca na fase final, o que abre o caminho ao desastre russo de 1917.

6/6 – O ataque a Medina das forças Árabes insurrectas é repellido pelos Turcos. Jidda será capturada pelos Árabes a 9 de Junho e Meca a 10.

16/6 – Arranca a contra-ofensiva Italiana no Trentino.

23/6 – Os alemães exploram o último ímpeto da sua ofensiva em Verdun, que não tarda a parar pela necessidade de desviar forças para o Somme e para o Leste. A zona mais disputada continua a ser a dos Fortes Doaumont e Vaux. A conquista do Forte Thiaumont pelos Alemães neste dia marca o limite máximo do seu avanço. A 30 deste mês os Franceses recuperam-no.

24/6 – A GB começa a sua imensa barragem de artilharia que prepara a ofensiva no Somme. Mais de 2000 peças numa semana disparam milhões de munições. Os Alemães não duvidam que vão ser atacados em força no Somme e têm uma semana para preparar a resposta, enquanto sofrem estoicamente os efeitos da gigantesca barragem – maior que a de Verdun.

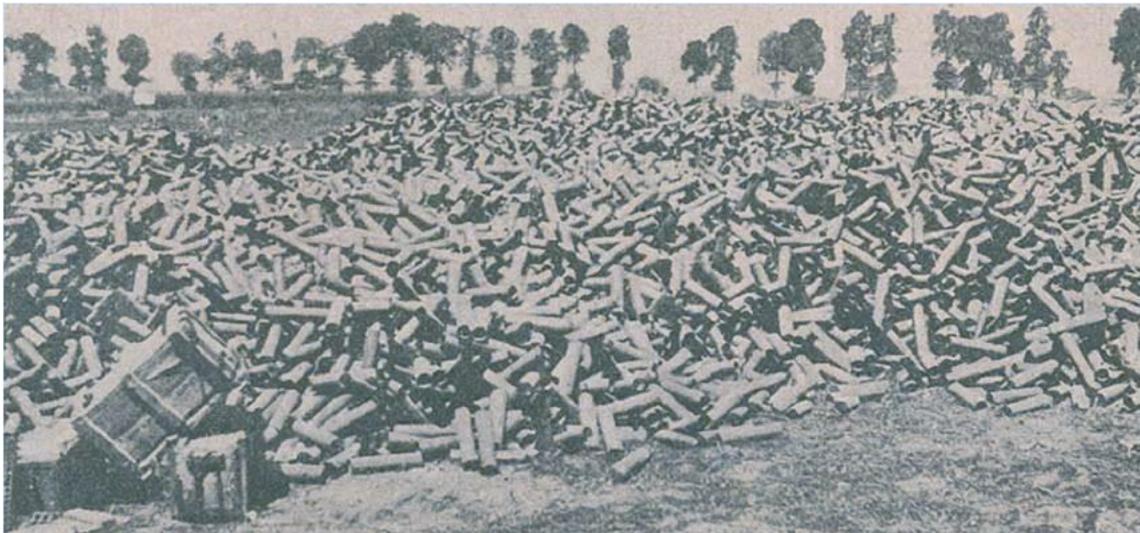


Ilustração Portuguesa de 10 de Outubro de 1916. Uma imensa pilha de munições de artilharia Britânicas usadas no Somme. A maior barragem de artilharia de sempre (até então) prolongou-se por uma semana com mais de 4 milhões de munições usadas (uma para cada soldado alemão na Frente Ocidental). A Alemanha teve um amplo aviso do começo do ataque e estava preparada para o receber, o que provocou o dia mais negro do Exército Britânico. Um total de 57 mil baixas num único dia, tantas quando o CEP, que se estava a formar em Portugal em 1916.

Junho e Agosto – As forças turcas comandadas por Enver Pasha atacam no Cáucaso e são derrotadas.

JULHO

1/7 – Arranca a esperada ofensiva Britânica no Somme, quando a infantaria ataca às 7h30m, depois de uma barragem de artilharia que durou uma semana. É uma das maiores ofensivas Britânicas, numa ampla frente de 40 km, apoiada pela explosão de 10 túneis carregados de explosivos por debaixo das trincheiras alemãs. Haig tem grandes expectativas, mas as defesas alemãs estão preparadas. No fim do dia, a GB sofreu 57 mil baixas, com 19 mil mortos. Foi o dia em que o Exército Britânico teve mais baixas em toda a sua história. As baixas alemãs foram avaliadas em 8 mil homens nesse dia. A partir de agora a Alemanha vai enfrentar em simultâneo três grandes ofensivas: a Francesa em Verdun; a Britânica no Somme; a Russa na Frente Leste.

7/7 – Tanga, na África Oriental Alemã, é ocupada por forças Britânicas.

Lloyd George é nomeado Secretary of State for War (Ministro da Guerra).

9/7 – O primeiro submarino de carga alemão (o Deutschland) consegue atravessar o Atlântico e compra produtos em Norfolk, um poder neutro, antes de regressar.

19/7 – Os turcos atacam no Sinai, avançando alguns quilómetros e parando depois, sem explorarem a vantagem, possivelmente por falta de reservas. O ataque é renovado a 4 de Agosto, mas, mais uma vez, é detido depois de um pequeno avanço inicial. Os Turcos estão perto do Canal do Suez, mas este continua a funcionar.

25/7 – O Exército Sérvio reconstituído recomeça as operações a partir de Salónica.

25/7 – Derrota Turca no Caucáso, que detém o avanço de um dos seus exércitos.

AGOSTO

2/8 – A maior concentração de Zeppelins até agora (16) ataca alvos em Londres e no Sul de Inglaterra. Os resultados são muito limitados, devido em larga medida ao mau tempo.



[Ilustração Portuguesa de 21 de Fevereiro de 1916. Estragos provocados por um ataque de Zeppelins nos prédios de Paris.](#)

6/8 – A Itália inicia a 6ª ofensiva do Isonzo. Foi a mais bem sucedida de todas até então, saldando-se, em 13 dias, por um pequeno ganho de território (Gorizia é conquistada) à custa de 51 mil baixas – a Áustria sofre 49 mil.

12/8 – Forças Italianas juntam-se às outras Aliadas em Salónica (principalmente Franceses, Britânicos e Sérvios).

17/8 – Depois de uma longa hesitação, a Roménia concorda em aderir aos Aliados, animada pela forte presença militar em Salónica e pelo sucesso da ofensiva de Brusilov, com a promessa de que lhe seriam cedidos amplos territórios pelo tratado de paz. A intenção Aliada era lançar um ataque concentrado sobre o território ocupado da Sérvia, a partir de Salónica e da Roménia. A Bulgária antecipa-se e, neste dia, ataca de surpresa a Macedónia grega, dificultando qualquer ofensiva das forças em Salónica, antes mesmo de a Roménia iniciar operações e anunciar a sua adesão aos Aliados.

18/8 e 19/8 – As esquadras do Mar do Norte de novo saem dos portos, procurando surpreender-se mutuamente, mas com grandes cautelas e parcialmente. Só os submarinos obtêm sucessos, conseguindo um Britânico torpedear um couraçado Alemão, enquanto 2 cruzadores ingleses são afundados, igualmente por submarinos. Os navios de superfície regressam aos portos sem se enfrentarem directamente.

27/8 – A Roménia declara guerra à Áustria-Hungria e recebe uma declaração de guerra da Alemanha e da Bulgária. Os exércitos romenos invadem a Transilvânia (província que reclamam) e a Alemanha transfere à pressa divisões suas para o Sul. As forças Russas, ainda moralizadas pelos resultados da ofensiva de Brusilov, atravessam o Danúbio para se juntar às Romenas.

29/8 – Von Falkenhayn é substituído pelo marechal Hidenburgo, como CEM da Alemanha. O verdadeiro estratega é o general Eric von Luddendorff, levado por Hidenburgo como seu número dois, encarregado da responsabilidade de condição geral das operações. A mudança representa uma condenação pelo fracasso relativo da ofensiva em Verdun, onde a Alemanha teve até agora mais baixas do que a França, que vai passar ao contra-ataque (e irá sofrer mais baixas do que a Alemanha a partir de agora). Hidenburgo confirma de imediato o que já estava a ser feito: a Alemanha passa à defensiva estratégica no Ocidente e transfere forças para Leste, de modo a responder à emergência criada pelo sucesso da ofensiva de Brusilov e pela entrada da Roménia na guerra. Brusilov anuncia o fim da sua ofensiva, como tendo sido um imenso sucesso: 375 mil prisioneiros e um número indeterminado de outras baixas, com 38850 km² conquistados. O preço foi muito elevado: 550 mil baixas russas. A contra-ofensiva Alemã vai fazer os Russos perder quase todo o terreno conquistados até ao final do ano e provoca mais meio milhão de baixas. Em Dezembro, a moral do Exército Russo estava muito em baixo e o regime está à beira do colapso.

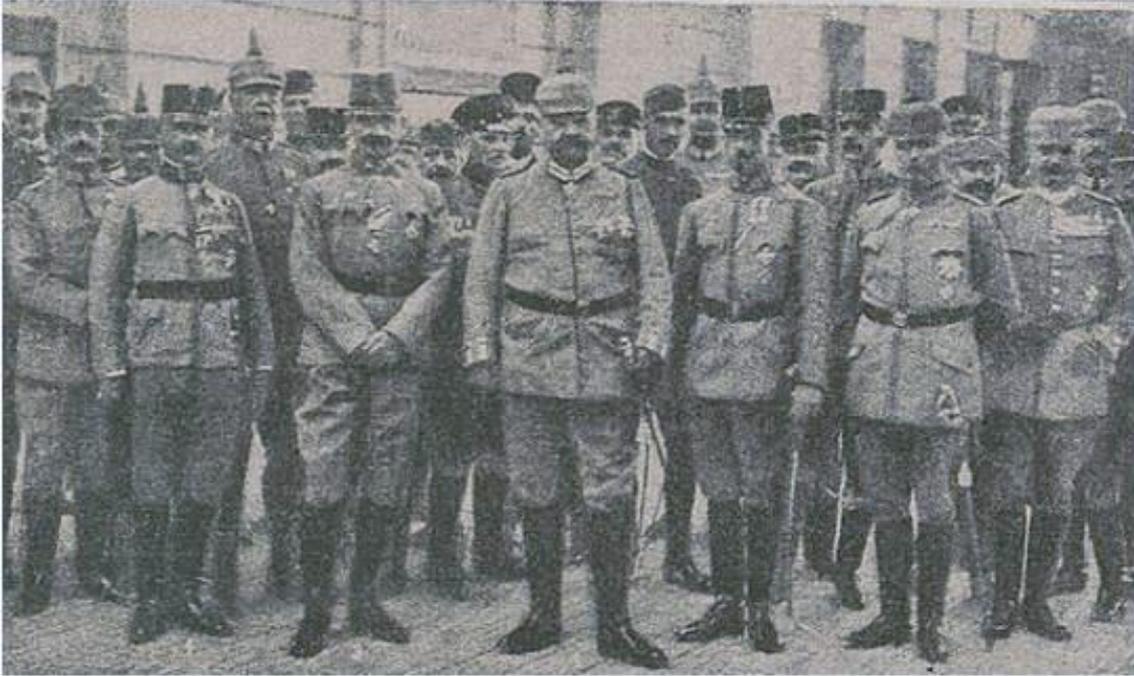


Ilustração Portuguesa de 16 de Outubro de 1916. O marechal Hindenburg e Luddendorf, acompanhados pelo Estado Maior Conjunto Alemão. Seria a equipa que esteve à frente da estratégia militar Alemã até ao fim, retirando de imediato a prioridade ao Ocidente. Era a estratégia militar correcta, mas a janela de oportunidade Alemã tinha terminado, se é que alguma vez existiu.

SETEMBRO

3/9 – Pressionado pela França e pela Roménia, Haig concorda em renovar o ataque britânico no Somme, apesar de ele estar a correr mal – muitas baixas sem qualquer avanço. Ao mesmo tempo, as forças de Salónica atacam, procurando expulsar os Búlgaros da Macedónia e aliviar a pressão sobre a Roménia. Esta é invadida por uma força conjunta Alemã – Austríaca e Búlgara, sob o comando Alemão, que avança rapidamente.

4/9 – Dar e Salaam, a mais importante cidade da África Oriental Alemã ocupada pelos Aliados. Tabora, a capital, é ocupada a 19 de Setembro. As forças Alemãs parecem derrotadas, mas, mais uma vez, vão surpreender todos.

8/9 – O Exército Alemão, que passou à defensiva estratégica no Ocidente, adopta oficialmente a doutrina da defesa em profundidade, organizando um sistema defensivo com mais de 10 km de extensão e múltiplas linhas.

A França prepara um contra-ataque em força em Verdun.

14/7 – Começa a 7ª Batalha do Isonzo, que se prolonga até 18. Nada de novo.

15/9 – Pela primeira vez os tanques são usados operacionalmente, na batalha de Flers-Courcelette, integrada na ofensiva britânica no Somme. O Tank Corps, formado pela GB, insistia para que a nova arma só fosse empenhada de surpresa e em força, de modo a obter resultados decisivos sem que a Alemanha tivesse uma resposta táctica para ela. Haig está desesperado para dar dinamismo à ofensiva no Somme, pelo que ordena o empenhamento de uma força de somente cerca de 50 Mk I, a única então disponível. Menos de 10 tanques destes tanques conseguem chegar à trincheira alemã (o resto fica pelo caminho, quase todos avariados, algum atingidos pela artilharia), mas a surpresa provoca o pânico na infantaria inimiga que foge precipitadamente. Os Aliados avançam cerca de 2,5 km num dia, algo inaudito antes. Ao fim de dois dias nenhum dos tanques está operacional, mas a operação é oficialmente classificada como um êxito. Haig encomenda de imediato mais 1000 tanques. As dúvidas iniciais sobre as capacidades da nova arma tinham-se de repente transformado no seu contrário: um entusiasmo delirante que via nos tanques a chave da vitória. Nem as dúvidas nem o entusiasmo eram justificados. Os tanques davam os primeiros passos e o facto de 80% terem sido incapazes de entrar em contacto com o inimigo mostra bem a sua muito reduzida fiabilidade. Ainda não eram a “arma da vitória”, mas era essa a ilusão dos Aliados.



Ilustração Portuguesa de 18 de Dezembro de 1916. Uma gravura bastante imaginosa (totalmente irrealista) do ataque dos Mk I Britânicos no Somme. É muito curioso constatar que o uso dos tanques, apesar dos resultados modestos obtidos, provocou uma “tank fever” em toda a parte, a crença popular que eles seriam a arma da vitória. Nem 8 nem 80, como diz o povo Português.

16/9 – A Alemanha decide edificar no Ocidente uma linha defensiva densa e com grande profundidade a que chama a “linha Hindenburgo”, situada por detrás da actual frente alemã. Seria a barreira que permitiria a defensiva estratégica em profundidade no Ocidente,

enquanto a Alemanha transferia a sua prioridade para Leste (mais uma vez), onde iria tentar ganhar a guerra.

Von Falkenhayn, ex-CEM alemão, assume o comando do 9ª Exército, com o qual vai invadir a Roménia, no ataque decisivo, dirigido directamente sobre Bucareste e apoiado pela Bulgária a partir do Sul.

17/9 – Depois do fracasso no Sinai, os Turcos são empurrados para trás, tendo de ceder grande parte da península. Ao mesmo tempo, as forças em Salónica avançam na Macedónia ocupada pela Bulgária e ameaçam a fronteira da Sérvia.

30/9 – Venizelos forma em Creta um Governo grego alternativo ao de Atenas, anunciando a sua intenção de levar a Grécia para a beligerância ao lado dos Aliados, que o apoiam. A França reconhece este Governo em Outubro.



Ilustração Portuguesa de 10 de Outubro de 1916. Apoiantes de Venizelos manifestam-se a favor dos Aliados em Salónica. A Grécia está dividida e à beira da guerra civil, parcialmente ocupada pelos Aliados.

OUTUBRO

6/10 – A Alemanha autoriza os seus submarinos a atacarem navios mercantes que se dirijam para os portos Aliados mesmo que sejam neutros, mas ainda exige que os navios sejam avisados antes de serem afundados, permitindo à guarnição que o abandone.

7/10 – O Presidente Wilson é reeleito nos EUA. A sua campanha foi feita salientando que foi ele que manteve o país neutro.



Ilustração Portuguesa de 20 de Novembro de 1916. Gravura do Presidente Wilson. O ministro americano em Lisboa fazia um discreto trabalho de propaganda, distribuindo fundos generosamente por

vários jornais portugueses, o que lhe dava uma ampla cobertura de tudo que se passasse nos EUA, com inúmeras reportagens no jornal O Século, proprietário da Ilustração Portuguesa. Wilson seria a figura política dominante na parte final da guerra, para desespero de Franceses e Britânicos.

8/10 – A GB dá mais um passo pioneiro: decide criar a primeira Força Aérea do mundo, reunindo todos os meios aéreos sob um comando independente, que passa a constituir um novo ramo. Ficam de fora os aviões usados pela Royal Navy. Com a criação da RAF (decidida agora, mas só depois concretizada) e do Tank Corps a GB coloca-se na vanguarda do pensamento militar clássico e prova que ainda é um grande poder, com capacidade de adaptação e flexibilidade, onde a inovação é possível e rápida. A França, a Alemanha ou os EUA vão demorar muitos anos a dar um passo semelhante.

O U-53 alarga a zona da guerra submarina ao afundar 5 navios perto da costa americana, 2 deles neutros. Os submarinos eram efectivamente uma arma de longo alcance.

9/10 – A Itália lança mais uma ofensiva no Isonzo (a 8ª), que se prolonga até dia 12. Grandes baixas; ganhos quase nulos.



Ilustração Portuguesa de 17 de Abril de 1916. Canhão Italiano de 149 mm no Isonzo. O Exército Português não usava o termo “canhão”, falando somente em “peças” e “obuses”. Era mais um preconceito, pois o termo “canhão” continuava na Língua Portuguesa, era de uso normal nos jornais, e era amplamente usado por Franceses (cannon), Britânicos e Americanos (gun). Continuamos a usar a

nomenclatura normal em que “peça” significa o conjunto das bocas de fogo da artilharia, formadas por canhões e obuses. Era esta a prática usual em toda a parte, com excepção da artilharia Portuguesa.

10/10 – O Czar ordena o fim oficial da ofensiva de Brusilov.

A prioridade Alemã no Leste vai para a conquista da Roménia, mas, ao mesmo tempo, começam os contra-ataques limitados contra a Rússia, que se intensificam à medida que a resistência Romena se esboroa.

É importante salientar que a guerra fixa de trincheiras é somente uma realidade na Frente Ocidental e na Italiana, onde a densidade é muito elevada. No Leste a realidade é diferente, nunca tendo desaparecido o movimento, mesmo limitado.

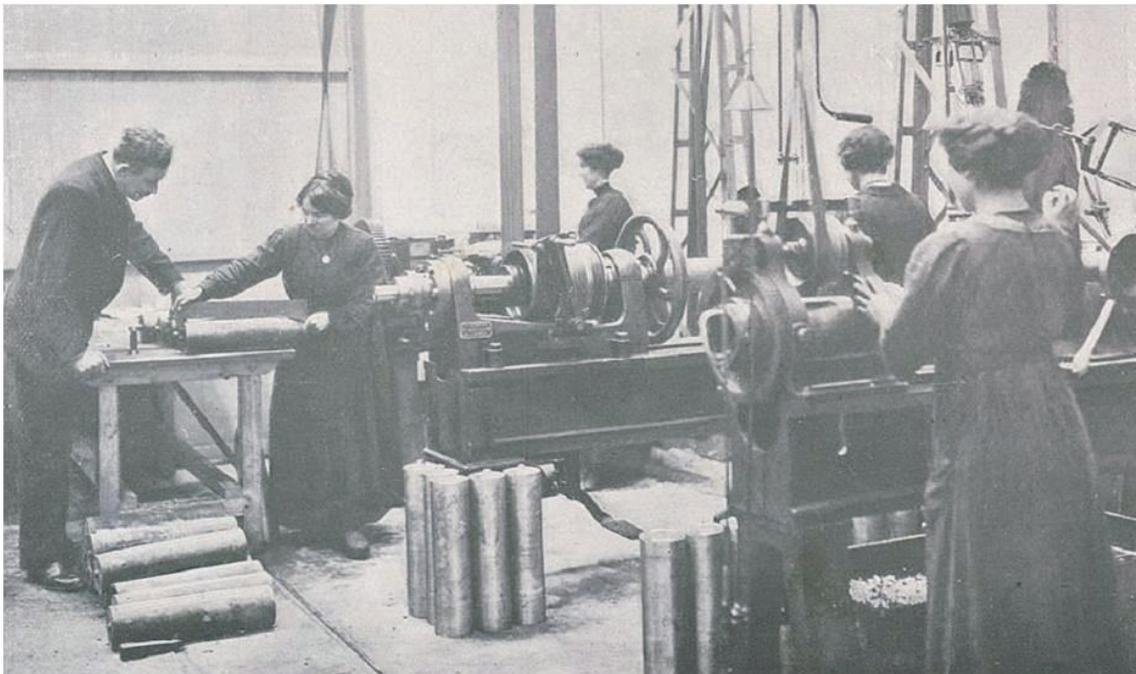


Ilustração Portuguesa de 13 de Março de 1916. Mulheres trabalham numa fábrica francesa de munições. Como normalmente acontece com as grandes mudanças, aquelas verdadeiramente importantes, são as que ninguém nota. O acesso das mulheres ao mercado de trabalho, mesmo em funções antes reservadas só aos homens, muda a sociedade Ocidental para sempre.

16/10 – Um desconhecido capitão T.E. Lawrence junta-se à missão britânica que apoia a revolta Árabe. Será conhecido futuramente como “Lawrence da Arábia”, o criador da moderna teorização da guerra de guerrilhas, onde todos iriam beber, muitas vezes sem o citarem, pois era para a hierarquia oficial uma “personagem maldita”, em múltiplos sentidos. Ao fim de pouco tempo é o conselheiro pessoal do príncipe Feisal e defende a criação de um grande estado Árabe no final da guerra, algo que a GB obviamente quer evitar a todo o custo. Uma importante corrente Árabe tenta efectivamente criar um grande Estado no final da guerra, o que leva à coroação do Grande Sherif Hussein, de Meca, como Califa (Novembro).

19/10 – O ataque dos Poderes Centrais à Roménia prossegue, com o avanço do Exército do Danúbio. O porto de Constância é conquistado a 22 por forças Búlgaras e Bucareste, a capital Romena, é ameaçada.

21/10 – A França lança o seu esperado contra-ataque em Verdun. O Objectivo oficial é “reconquistar” o pouco terreno perdido. Era a continuação da lógica da guerra de desgaste e erosão, agora com baixas elevadíssimas para os Franceses. A 24 de Outubro unidades Marroquinas da França capturam o forte Doaumont, que se tornou o símbolo de Verdun. O Forte Vaux, também ele famoso, cai a 2 de Novembro. As operações ofensivas da França em Verdun continuam até Dezembro.

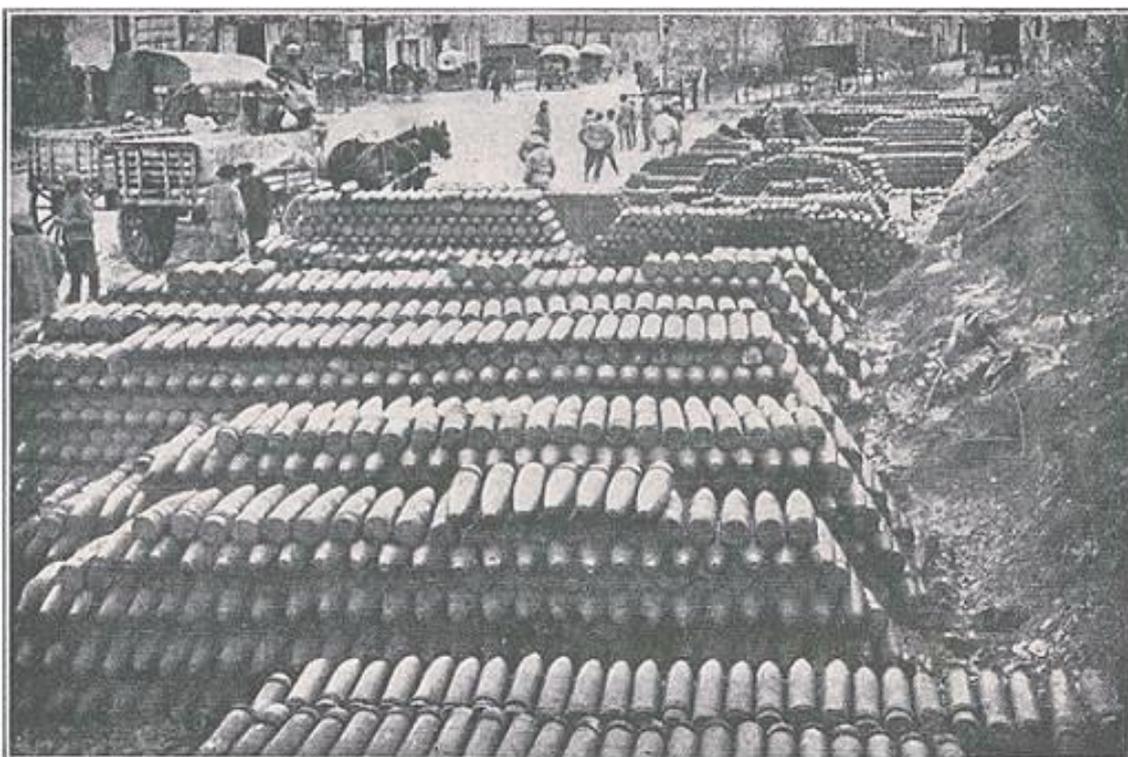


Ilustração Portuguesa de 3 de Abril de 1916. Depósito de munições de artilharia Francesas para serem usadas em Verdun. A artilharia era, de longe, a principal causa das baixas em combate na Frente Ocidental e não a metralhadora, como normalmente se pensa. A baioneta era responsável por somente 1% das baixas em combate. A Frente Ocidental era a guerra industrial madura e vencia quem melhor organizasse a sociedade e a economia mundial para o conflito. No final, nasceu o conceito da “guerra total”.

NOVEMBRO

1/11 – Começa a 9ª ofensiva do Isonzo. Mais do mesmo na Frente dos Alpes. Termina a 4 de Novembro, com 28 mil baixas italianas.

5/11 – Os Poderes Centrais procuram usar a seu favor as tensões nacionalistas no Leste e neste dia anunciam que vão criar um Reino da Polónia, onde se incluem os territórios conquistados à Rússia. Conseguem que uns milhares de polacos se ofereçam como voluntários para o Exército, mas a generalidade da população Polaca desconfia da generosidade.

13/11 – É renovada a ofensiva do Somme pelo recém-criado 5º Exército Britânico. Este último arranque prossegue até 18 de Novembro, quando a operação no Somme é dada oficialmente por terminada. Resultados: ganhos mínimos; 420 mil baixas Britânicas; 205 mil Francesas; 500 mil Alemãs. Um total de 1,125 milhões de baixas, a mais sangrenta das operações de 1916, mas acompanhada de perto por Verdun e por Brusilov. É a luz destes números que temos de medir o contributo dos 56 mil homens iniciais do CEP Português, que vai chegar a França a partir de Dezembro (de comboio) e a partir de Fevereiro de 1917 (de navio).

Em Verdun, apesar da chegada do tempo frio, ainda prossegue a última arrancada da contra-ofensiva Francesa, sob as ordens de Nivelle.



Ilustração Portuguesa de 10 de Outubro de 1916. O Rei Jorge V visita unidades Canadianas no Somme. As tropas do Canadá eram consideradas de elite e destacaram-se muitas vezes no Somme. D. Manuel II, exilado na GB, visitou igualmente a Frente Ocidental em 1916, exprimindo sempre o seu completo apoio à causa Aliada.

19/11 – Monastir, uma cidade Sérvia perto da fronteira grega é capturada pelas forças Aliadas em Salónica.



Ilustração Portuguesa de 18 de Dezembro de 1916. A pequena Monastir era a única cidade da Sérvia nas mãos dos Aliados em fins de 1916, reconquistada pelas forças em Salónica.

21/11 – Morre o imperador Francisco José da Áustria-Hungria, com 86 anos. O Arquiduque Carlos sobe ao trono. Os já grandes problemas internos da Áustria-Hungria aumentam com o desaparecimento da figura popular do velho imperador.



Ilustração Portuguesa de 3 de Dezembro de 1916. O Imperador Francisco José da Áustria-Hungria. A Ilustração Portuguesa, uma revista que alinhava ao lado dos Aliados, mostrava claramente a normal atitude da opinião pública nacional: afastamento em relação à Alemanha e aos seus dirigentes (o Kaiser era ridicularizado de todas as formas), mas alguma consideração pela abalada Áustria-Hungria e, sobretudo, pelo seu velho Imperador.

23/11 – O Governo Provisório Grego passou de Creta para Salónica e declara guerra aos Poderes Centrais. As tropas Aliadas em Salónica continuam a sua ofensiva na direcção da Sérvia, mas o avanço é mínimo, muito dificultado pelo terreno montanhoso. Os Poderes Centrais, em contrapartida, lançam a segunda e final ofensiva contra a Roménia, com um avanço simultâneo do Sul e do Oeste. Bucareste é directamente ameaçada, pelo que é evacuada pelo Governo a 1 de Dezembro.

24/11 – O México e os EUA assinam um acordo que leva à retirada da força de Pershing.

28/11 – Londres é atacada pela primeira vez de dia por bombardeiros estratégicos alemães. Pouco a pouco os aviões de longo raio substituem os Zeppelins, como o elemento da ofensiva aérea estratégica.

DEZEMBRO

3/12 – O Funchal, na Madeira, é bombardeado pela peça de um submarino alemão na superfície. É o primeiro ataque Alemão ao território metropolitano português.

6/12 – O general Mackensen entra triunfalmente em Bucareste. As forças romenas sobreviventes retiraram na direcção da fronteira russa, mas a sua situação é desesperada pois a Rússia recua igualmente em toda a zona Sul da frente.

7/12 – O liberal David Lloyd George assume o cargo de 1º Ministro da GB. Tinha sido contrário à entrada da GB na guerra e opõe-se às grandes ofensivas na Frente Ocidental, preferindo deixar o tempo fazer o seu trabalho e concentrar-se nos teatros secundários, embora sem nunca conseguir aplicar por completo a sua visão. A sua visão choca frontalmente com a do marechal Haig, que comanda o grupo de exércitos em França. O grande problema de Lloyd George é que não se sente com força para afastar Haig, como gostaria de fazer.

12/12 – O general Joffre, o “herói” do Marne, é substituído por Robert Nivelle como comandante supremo dos exércitos Franceses. Nivelle promete aos políticos a ofensiva decisiva contra os Alemães para a Primavera de 1917 – mais uma ilusão.

Neste dia os Governos dos Poderes Centrais entregam uma nota semelhante aos representantes dos EUA nas suas capitais, onde pedem que os Aliados sejam informados que estão dispostos a negociar uma paz.

13/12 – Depois do seu desaire em Kut, as forças Britânicas na Mesopotâmia iniciam uma ofensiva na direcção de Bagdad, subindo o Tigre, onde foi criada uma flotilha fluvial. São escassos 48 mil homens, mas estão melhor equipados que os mais numerosos Turcos, pelos que os obrigam a recuar.

14/12 – Os Governos Aliados entregam um ultimatum ao Governo de Atenas onde exigem uma retirada militar da Tessália. Já antes tinham pedido a conseguido a desmobilização das forças Gregas. O ultimatum é aceite a 15 de Dezembro.

18/12 – Termina oficialmente o contra-ataque Francês em Verdun, depois de ter recuperado quase todo o terreno perdido. As operações desde Fevereiro provocaram 360 mil baixas francesas e 336 mil Alemãs. Apesar destes números gigantescos, as baixas no Somme ainda são maiores. Verdun seria a maior batalha da França na Grande Guerra e tornou-se um pouco o seu símbolo.

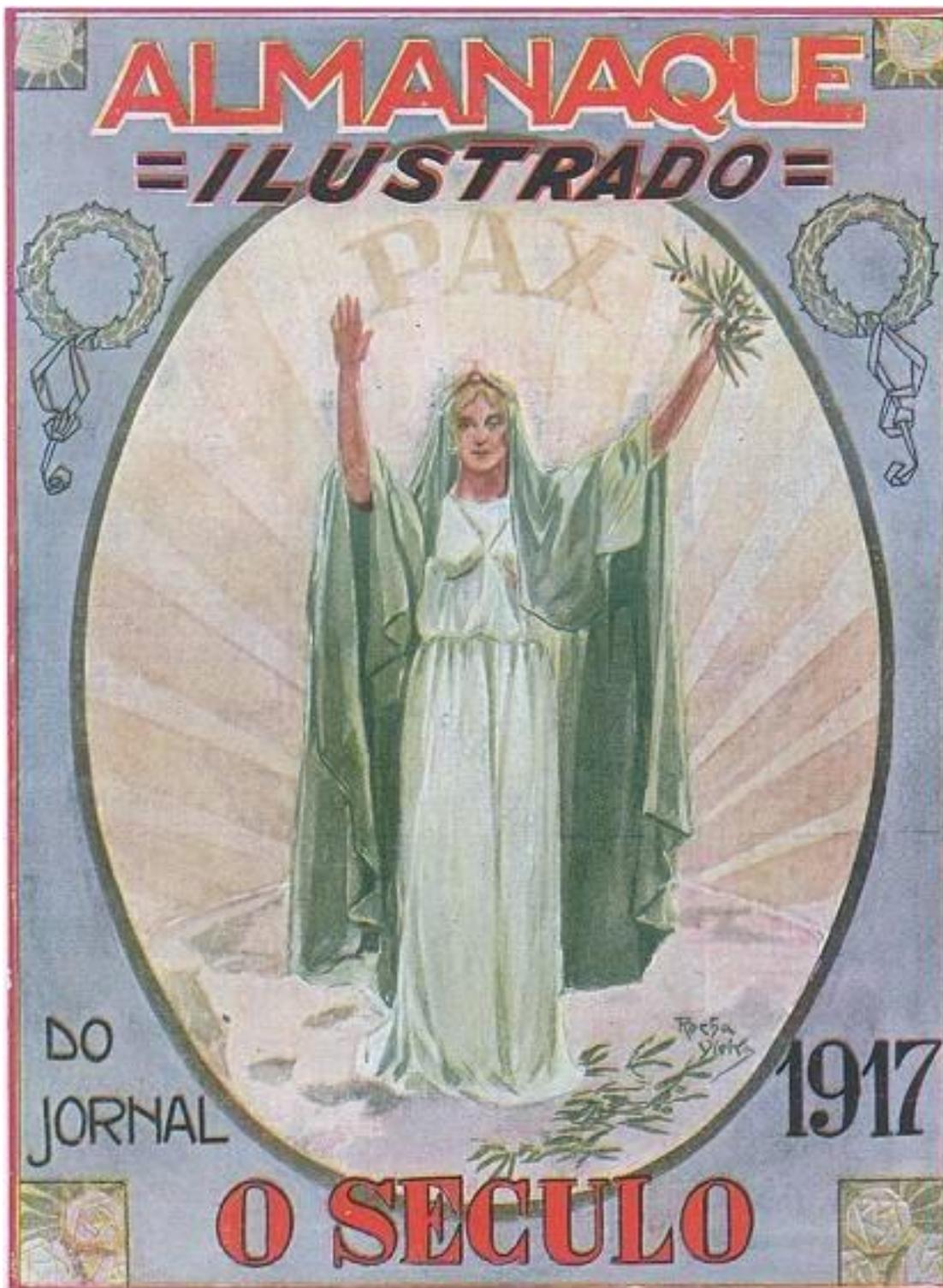
18/12 – O Presidente Wilson pede a ambos os lados que indiquem os seus objectivos na guerra, oferecendo-se para mediar um entendimento.

23/11 – A Turquia é derrotada em Magdhaba, o que põe fim às suas tentativas de dominar o Sinai e abre caminho à ofensiva Aliada na Palestina. Desenha-se para 1917 uma ofensiva tripla Aliada no Médio Oriente: a partir do Sinai, do vale do Tigre e da Arábia, com a revolta Árabe.

30/12 – Os Governos Aliados rejeitam a oferta dos Poderes Centrais para negociar uma paz.

31/12 – Joffre e Haig são promovidos a marechal. Para Joffre é uma honra sem conteúdo, pois foi retirado das posições de responsabilidade – é nomeado “conselheiro técnico militar” do Governo. Haig reforça o seu papel de comandante das forças Britânicas em França. Defende a teoria que o Somme foi uma grande vitória Britânica, tendo sido graças a ela que se aguentou a Frente Ocidental em 1916 (o que provavelmente é verdade) e que só aí a guerra pode ser decidida, pelo que se deve acabar com a dispersão de recursos para frentes secundárias.

O monge Rasputin, que tinha grande influência na Corte do Czar, é assassinado em Petrogrado. É um sinal das convulsões internas Russas que vão começar.



Almanaque Ilustrado de “O Século” para 1917, publicado nos últimos meses de 1916. A sua capa ilustra claramente a ideia vigente que 1917 seria o ano da paz. Era uma ilusão alimentada pelas iniciativas do presidente Wilson.